

reportagem

Pé da Serra

Aldeia de migrantes



No concelho de Nisa, a raia foi descobrir uma pequena aldeia profundamente marcada pelo fenómeno das migrações. Em Pé da Serra, os poucos que ficaram, habituaram-se a ver partir familiares e amigos, que «abalaram em busca de melhores condições de vida», mas é com alegria que também assistem ao seu regresso. É que a maior parte dos que foram, também voltou, por amor à terra e aos seus. A Junta de Freguesia local faz esforços no sentido de apoiar o regresso dos «filhos da terra» e combater os problemas do envelhecimento da população e da desertificação e, apesar das dificuldades, tem obtido resultados.

Texto de Paulo Marques António Vique Neto e João Jacinto
Fotografia de João Jacinto

A nordeste do Concelho de Nisa, no sopé da Serra das Talhadas, ali conhecida por Serra de São Miguel, situa-se a aldeia de Pé da Serra. Chegados àquele local entramos num mundo à parte. Como já é Primavera, é notória a vivacidade das aves, que entoam belos cantos, bem como dos grilos e das cigarras, que despertam para a vida, depois do frio do Inverno.

A aldeia fica situada numa pequena encosta, virada para Oeste e da zona mais alta do monte até ao vale, onde corre um pequeno regato, dispostas numa espécie de socacos, sucedem-se e cruzam-se casas, hortas e ruas transversais, enquadradas numa paisagem de uma riqueza e beleza tais, que fazem da visão um espectáculo de uma intensidade apreciável. Mas, não é só pela beleza que o Pé da Serra se distingue. É que esta aldeia foi de tal forma marcada pelo fenómeno das migrações, tanto para dentro como para fora do território nacional, que, neste momento, só há uma dúzia de habitantes que nunca dali saiu por períodos prolongados. Todos os outros, a grande parte, partiram em direcção às grandes cidades do Litoral português, em especial para Lisboa, ou emigrou, essencialmente para França e para a Alemanha, em busca de melhores condições de vida, deixando a aldeia, a sua terra natal, praticamente deserta.

É que em Pé da Serra não havia trabalho para tanta gente. Chegou a haver uma altura em que ali funcionaram duas escolas, com 40 alunos cada uma, mas como não havia em que trabalhar, as pessoas procuravam sempre uma oportunidade para partir. Os rapazes, por exemplo, ansiavam pela altura de cumprir o serviço militar, momento propício para se abrirem horizontes e, muitos deles, já não voltavam à terra. Só não saiu da aldeia quem possuía terras, azeite ou gado, conseguindo assim viver razoavelmente. Só que para trabalhar a terra é preciso gente, e mesmo para a minoria mais abastada, o problema surgiu: deixou de haver mão-de-obra barata.





Egoz Pereira

Maria de Matos

Francisco Aparício

António Lopes

José Valente

Maria Valente e marido

José Eduardo e filho

«A certa altura, abalaram quase todos, inclusive o meu irmão e os meus dois cunhados. Fiquei quase sozinho, na terra»

Uma chuva de emigrantes

Se nos deslocarmos à aldeia são visíveis as marcas da emigração: casas construídas segundo a «arquitetura francesa», com grandes janelas de madeira abertas para o extenso e florido campo, a destoar com as construções autóctones, numa espécie de idiossincrasia. Numa rua estreita, alguns homens procedem à reconstrução de mais uma casa que, possivelmente, será habitada por alguém que regresse definitivamente de França. Mais adiante, no Centro de Dia, um grupo de mulheres idosas, vestidas de um preto carregado, conversam. «Esta era emigrante, aquela também», refere o presidente da Junta de Freguesia local, José Hilário, apontando para o grupo. «Tivemos azar porque a maior parte das mulheres que aqui estão não emigraram. Mas emigrantes são o que não falta na aldeia», salienta.

É verdade. Daí a pouco encontramos Maria Valente e o marido, que regressaram, após 28 anos em França, mais precisamente na Côte d'Or, no departamento 21, perto de Dijon. Ali, viveram de vários misteres: Maria Valente, por exemplo, trabalhou numa fábrica de ouro, mas também nas vinhas. O casal regressou há dois anos, juntamente com os três filhos, dos quais, duas raparigas terminaram ainda os estudos no nosso país, onde se formaram. Neste momento, tanto ela como o marido estão reformados e construíram uma casa no Pé da Serra, onde vivem actualmente. Sobressai no meio de muitas outras, não porque seja grandiosa, mas porque foi construída «à francesa», como os emigrantes gostam. Apesar de terem boas recordações de França, país do qual afirmam gostar muito, acham que tomaram a melhor opção, regressando à sua terra natal. «Aqui estou na minha terra. O meu marido não quer outra coisa senão estar aqui, no Pé da Serra, mas emigrar fez com que desse uma vida melhor aos meus filhos», salienta Maria Valente. Ainda assim, segundo esta mulher, viver em França também tem os seus aspectos negativos: «quem quiser amealhar algum dinheiro, praticamente não pode ter vida social. A rotina é trabalho-casa, casa-trabalho, com o objectivo de poupar ao máximo. Ao contrário, no Pé da Serra, as pessoas convivem e ajudam-se umas às outras».

Deambulando pela aldeia, cruzamo-nos com um homem idoso, que faz parte do pequeno número daqueles que nunca partiram. Não aparenta a idade que tem, apesar de o seu rosto estar ressequido pelo quente sol do Norte Alentejano. Mostra-se muito hospitaleiro e explica-nos porque nunca chegou a sair da terra que o viu nascer. António Lopes, de 68 anos, preferiu o duro trabalho do campo a arriscar uma ida para Lisboa ou para o estrangeiro, pois o seu pai tinha bastantes terras que sempre o ocuparam. «Trabalhei sempre para o meu pai», refere. Hoje em dia, apesar de continuar ocupado a revolver as mesmas terras, que o pai, agora falecido, lhe deixou, já semeia pouca coisa, pois «os javalis estragam tudo. Criar ovelhas e cabras é das poucas coisas que ainda são lucrativas», acrescenta. Mesmo assim, sendo um «resistente», afirma que os que procuraram outros destinos fizeram a melhor opção, pois estão «todos reformados e cheios de dinheiro». Mas, não sente inveja; o que lhe custou foi alguma solidão. «A certa altura, abalaram quase todos, inclusive o meu irmão e os meus dois cunhados. Fiquei quase sozinho, na terra», lamenta.

Perto da casa de António Lopes, Maria de Matos, de 80 anos, sobe a rua com alguma dificuldade, em direcção ao Centro de Dia. Esta mulher, que foi emigrante em França, durante um ano e um mês, como gosta de frisar, foi atingida por uma grande fatalidade: o marido, que se encontrava emigrado, juntamente com ela, veio a falecer naquele país, já lá vão 34 anos. Maria de Matos fala com pesar, vê-se que sofre com o sucedido. Sozinha, não se ambientou, e regressou a Portugal. Mesmo assim, gostou muito de estar «além Pirinéus» e certamente não teria regressado se o marido não tivesse morrido, até porque trabalho não lhes faltava. «De certeza que estaríamos lá, até termos a reforma».

Como tudo começou

O Centro Cultural e Recreativo do Pé da Serra é o lugar de encontro, por excelência, dos habitantes da aldeia. Dispõe de um bar e de um espaço amplo, para realizar baptizados e casamentos. À entrada, sentados num banco de cimento, estão alguns homens a gozar o sol já



«Há falta de incentivos à fixação. Se houvesse condições para se fixarem, os emigrantes regressariam ainda em maior número, pois estão desejosos de deixar a França»

«... é possível que algumas pessoas venham fixar-se cá, pois podem muito bem viver aqui e ir todos os dias para Nisa ou Portalegre, trabalhar»



Presidente da Junta de Freguesia de Pé da Serra, José Hilário

fraco do fim de tarde. Um deles, de cigarro no canto da boca, de onde sai um fumo melancólico, está um pouco embriagado. Protesta quando o interpelamos e chega mesmo a levantar o punho quando repara no disparar do flash da máquina fotográfica. Mesmo assim, conseguimos arrancar-lhe algumas palavras e ficamos a saber que migrou para Lisboa, onde se gaba de ter trabalhado na ponte 25 de Abril. Sentado a seu lado, de barba grisalha e ostentando um chapéu impecavelmente colocado, está José Valente, emigrante em França e na Alemanha, onde chegou ilegalmente, ou «à salto», como se diz na gíria dos emigrantes, tal qual muitos outros, depois de inúmeras peripécias para fugir «a Guarda» (Ver Caixa).

A emigração das pessoas do Pé da Serra teve início, há muito tempo, com a ida de alguns soldados para França, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1818). Quando estes se aperceberam das reais diferenças sociais e económicas entre os dois países, começaram a aliciar, ao regressarem, os conterrâneos a emigrar para aquelas paragens. O efeito foi tal que, logo em 1926, se deu o primeiro grande surto de emigração para a França. Mas o facto é que, depois de chegadas aquele país, muitas das expectativas destas pessoas saíram goradas e, ao fim de dois anos, mais coisa menos coisa, muitos regressaram a Pé da Serra, deixando outros, que por lá ficaram, mais pobres do que quando partiram da terra natal. Alguns foram directamente de França para Cuba, Argentina ou Florida, que se tornaram também destinos dos que deixavam a aldeia. Houve mesmo alguns que, abonados pela sorte, se tornaram accionistas de uma companhia petrolífera, nos Estados Unidos, para onde tinham ido trabalhar e de onde enviavam petróleo para os seus conterrâneos, que muito lhes agradeciam, sendo que naquela altura não havia electricidade em Pé da Serra. Houve também quem fosse trabalhar para as grandes explorações de gado na Argentina, e conseguisse juntar um bom pé-de-mela.

Foi devido a estas experiências que os que voltaram, pelo menos os mais ricos, construíram belas casas e inovadoras plantações de vinha, ou outras, com modernos sistemas de rega e de manutenção que, espantavam os que cá estavam e, de certo modo, contribuíram para o desenvolvimento da terra. Muitos ainda se lembram, por exemplo, do senhor Graça que, embora já falecido, de resto como todos os que voltaram deste primeiro surto de emigração, conseguiu ser bem sucedido em New York, de onde regressou remediado, por volta de 1953.

Só por volta de 1960 aconteceu um segundo surto migratório, desta vez também para diversas zonas do nosso País, com o qual a aldeia perdeu muita gente e em que muitos foram «à salto», tal como aconteceu com o nosso já conhecido José Valente. Destes, três quartos já regressaram e estabeleceram-se de novo em Pé da Serra. Das 130 habitações que compõem esta aldeia, apenas dez ou 12 são de gente ainda emigrada, que só as utiliza em períodos de férias e, neste

momento, ainda há cerca de 50 emigrantes espalhados pelo estrangeiro, que o presidente da junta de freguesia acredita que voltarão nos próximos anos, pois o desejo é enorme, até porque têm interesses na terra: terrenos e pequenas hortas.

Relativamente aos filhos, não são muitos os que voltam. Há quem refira que se houvesse emprego talvez não fosse assim, o que contribuiria para consolidar o incontestável fenómeno de «renovação», por que a aldeia de Pé da Serra tem passado, jovens, efectivamente residentes, são apenas duas irmãs, uma com 14 anos e outra com 28. Esperam agora pelo regresso de um casal de emigrantes que trará consigo duas filhas e de um outro, que virá trabalhar para o Pé da Serra, com o qual virão igualmente dois jovens. «Nós gostávamos muito de ter cá crianças, porque uma aldeia sem crianças não é aldeia», nota José Hilário, e acusa os governos de não concederem a devida atenção ao Interior.

Na sua opinião, o facto de esta aldeia ter sido esquecida pelo poder central, deve-se ao facto de aí viverem poucas pessoas, o que se traduz em poucos votos (note-se que na freguesia há apenas 195 eleitores). «Há falta de incentivos à fixação. Se houvesse condições para se fixarem, os emigrantes regressariam ainda em maior número, pois estão desejosos de deixar a França». Segundo este homem, torna-se, assim, muito complicado inverter a situação do envelhecimento da população, pois a aldeia já não cria muita riqueza, havendo pouco trabalho. Longe vão os tempos em que as culturas do trigo e do azeite ocupavam muita gente. «Isto está praticamente reduzido a uma aldeia de reformados. Todos os dias aqui aparecem pessoas a vender qualquer coisa: peixe, pão, farinhas, pois, cá, não se produz quase nada. Mesmo relativamente à azeitona, grande parte dela fica por apanhar».

Uma aldeia com futuro

Apesar de ser habitada, essencialmente, por pessoas já de uma certa idade, a maior parte delas ex-migrantes, que passaram a juventude fora da terra, o presidente da junta prevê um bom futuro para a aldeia. «Daqui a dez anos não haverá menos pessoas do que agora. A morte de uns será compensada com o regresso de outros, que ainda estão fora. Por outro lado, é possível que algumas pessoas venham fixar-se cá, pois podem muito bem viver aqui e ir todos os dias para Nisa ou Portalegre, trabalhar. O que me preocupa é daqui a vinte anos, quando, se calhar, o Pé da Serra começar a perder pessoas», adverte.

Para criar riqueza há quem sugira que poderiam ser instaladas ali pequenas indústrias agro-alimentares e até apícolas, o que exigiria, obviamente, que fossem melhoradas as acessibilidades. Além disso, de acordo com José Hilário, a freguesia tem potencialidades a nível do





A salto

Passar as fronteiras «a salto» era uma verdadeira aventura. Muitos foram os que, assim, saíram do nosso país. Uns bem sucedidos outros nem tanto, pois, por vezes, a Guarda Civil Espanhola não perdoava. José Lopes Valente, 70 anos, foi um desses homens. Saiu do País, aos 34 anos, em busca de melhor vida, pois na terra não havia muito trabalho e era, então, perseguido pela P.I.D.E., por defender algumas ideias consideradas, à luz da época, subversivas.

A viagem até França demorou 18 dias. Saiu da sua aldeia natal, Pé da Serra, em direcção a Castelo Branco, e seguiu rumo a Penamacor e Peshia Garcia, até atingir a fronteira com a Espanha e posteriormente os Pireneus, por onde entrou em território francês. Com ele seguiam mais de cem homens, em busca de um destino idêntico. A guiá-los iam os, então, chamados «passadores», homens que a troco de dinheiro conduziam estas pessoas ao destino, pois conheciam todos os itinerários e, muitas vezes, através dos seus contactos, «compravam» os guardas civis para estes os deixarem passar.

No princípio, tiveram que suportar o calor, depois a chuva. Chegaram a estar três dias escondidos num fosso, até que os passadores os levassem para o lado de lá. Muitos quilómetros foram feitos dentro de um camião, tapados por um oleado, o que obrigava a que tivessem de urinar para dentro de um bidão. A muitos advieram problemas de bronquite, pois quase não se podia respirar. Já nos Pireneus, dormiram em barracões de gado, em cima de um chão molhado e, em Hendaya, tiveram ainda direito a dormir numa arrecadação, na companhia dos pilhos e das pulgas. Dali, seguiram no comboio em direcção a Paris, onde se separaram, partindo em busca de trabalho.

A espera de José Valente estava um rapaz da sua terra, que lhe arranjou um emprego como tratador de vacas, no Departamento 21, perto de Dijon. «Era um trabalho que eu nunca tinha feito, mas apesar disso habituei-me rapidamente», conta. Permaneceu neste país por quatro anos e transitou depois para a Alemanha, onde ficou mais seis. Quando conseguiu a merecida reforma, regressou à terra natal, já depois do 25 de Abril, e foi presidente da junta de freguesia durante 24 anos, «pois sempre foi latente a vontade de fazer alguma coisa pela terra».

turismo rural. Se a junta de freguesia tivesse capacidade financeira, pretendia reconstruir uma casa típica e dotá-la de todas as condições de habitabilidade e esperar depois que alguém a alugasse, pois está convicção que se este projecto piloto fosse bem sucedido, outros se seguiriam. Por outro lado, hoje em dia, não é fácil construir uma casa em Pé da Serra. É que a aldeia e a zona envolvente estão integradas na REN (Reserva Ecológica Nacional), o que limita a construção. Na opinião do presidente da junta, deveria alterar-se esta situação, pois apesar de na aldeia haver algumas casas onde não vive ninguém, estas são propriedade de emigrantes, que ou não as querem vender, ou apenas o fazem a preços muito altos, uma vez que pretendem reconstruí-las e voltar as origens. Em Monte Cimeiro, uma aldeia vizinha, apesar de igualmente afectada pelo fenómeno migratório, a situação é muito diferente. E que aí já há muito tempo que não vive ninguém, e há um arquitecto interessado em adquirir todas as casas, possivelmente para reconstruí-las e alugá-las, ou vendê-las.

Mesmo assim, apesar das dificuldades José Hilaria, defensor incansável da sua terra e das suas gentes, tem conseguido promover as riquezas de Pé da Serra. «Come-se aqui peixe mais fresco do que em Viana do Castelo e, por outro lado, todos os produtos produzidos à beira da serra, azeite, fruta ou outros, são de primeira qualidade. Aqui pode-se descansar verdadeiramente e privar de perto com a fauna e a flora da região. Por outro lado, as pessoas são simpáticas e hospitaleiras, como é característico do povo alentejano», afirma.

A verdade é que estes factores já atraíram algumas pessoas a terra. É o caso de José Eduardo que, embora não tendo quaisquer raízes em Pé da Serra, visita a aldeia frequentemente, nunca faltando a festa em honra de São Simão. Vive no Barreiro e conheceu a aldeia através de José Hilaria, de quem é amigo pessoal, apaixonando-se pelo sossego e pela paisagem. De seguida, resolveu comprar uma casa e reconstruí-la. «Este é um bom local para descansar, aliviar o stress e fugir à rotina», refere com satisfação. Eduardo vem todas as semanas à terra. Chega todas as segundas-feiras à noite e parte logo na terça, ao fim do dia, pois esperam-no mais uns dias de trabalho no Barreiro. Normalmente, vem acompanhado pelo filho, que traz alguns colegas de universidade para fotografar a fauna e a flora da região. «Anda aí uma ave que parece uma águia. O meu filho anda a tentar fotografá-la», refere José Eduardo, que não descarta a hipótese de, quando se reformar, vir a passar longos períodos na aldeia de Pé da Serra. Segundo diz, ali, nos dias que correm, não vai sentir falta de quase nada. «A próxima coisa a fazer é trazer um computador e ligar-me à Internet».

